

A Questão do Saneamento e o Rio Metropolitano

Sérgio Besserman Vianna

Podemos abordar a questão do saneamento básico no Brasil pela ótica da oferta e da demanda. Pelo lado da oferta as estatísticas demonstram ser essa a maior vergonha social do país ao lado da violência e homicídios não esclarecidos.

Considerando a renda per capita do país, a cobertura de saneamento dos domicílios brasileiros é um ponto fora da curva quando comparada aos demais países. Da mesma forma, todos os indicadores sociais brasileiros melhoraram nos últimos 20 anos, mas a cobertura da rede geral de esgotamento sanitário evoluiu a taxas muito menores do que todos os demais indicadores sociais.

As explicações e gargalos serão debatidos nesse seminário. Como contribuição procurarei desenvolver o ponto de que, mais do que falta de recursos financeiros, a baixa qualidade da democracia brasileira está na origem das dificuldades para modelar de forma eficiente um processo de aceleração da cobertura de saneamento nas cidades brasileiras.

Pelo lado da demanda, a prioridade da questão do saneamento é defendida com base em argumentos conhecidos e fortes:

- 1. Trata-se de direito humano fundamental.*
- 2. A taxa de retorno econômica e social é enorme, principalmente ao se considerar os ganhos de produtividade e a redução dos gastos de saúde pelo sistema público.*
- 3. São investimentos trabalho intensivo com forte impacto na taxa de desemprego.*
- 4. São grandes os impactos ambientais e territoriais positivos.*

Ao situarmos a questão no âmbito do Rio Metropolitano, a esses já suficientemente importantes argumentos (mais ainda em uma região com população tão numerosa) vou me permitir agregar dois pontos, um tangível e válido para todo o país e outro intangível, particular do Estado do Rio de Janeiro:

- 1. O ponto tangível é o seguinte: segundo pesquisas médicas recentes (ver Drauzio Varella <http://drauziovarella.com.br/drauzio/inteligencia-e-indigencia/>) a necessidade da criança submetida às condições insalubres de enfrentar sucessivas infecções de diversos tipos obriga o corpo a disponibilizar para o sistema imunológico recursos que podem, nessa etapa do desenvolvimento infantil, serem necessários para o desenvolvimento cerebral. Em outras palavras: o argumento do “nanismo” por desnutrição apresentado ao mundo pelo brilhante brasileiro Josué de Castro encontra uma analogia perfeita na falta de saneamento básico, que pode estar condenando gerações a um handicap irreversível posteriormente.*
- 2. O ponto intangível particular do Rio de Janeiro é: muitos são os motivos para destacar a importância de planejamento e governança para a região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas claramente destacam-se três: transportes, saúde e Baía da Guanabara. A situação da Baía quase identifica-se com a questão do saneamento. Despoluir a Baía,*

qualquer que seja o tamanho do desafio, tornou-se imperativo. Já o seria pelos quatro pontos anteriormente listados mas no caso do Rio de Janeiro, cuja marca no mundo (ativo intangível com mais valor econômico do que quase todos os tangíveis) passa pela conjunção única no mundo entre natureza e ambiente construído, razão pela qual a cidade do Rio de Janeiro obteve da UNESCO o título de patrimônio histórico da humanidade em uma categoria criada especialmente e exclusivamente para o Rio : paisagem urbana. Ou seja, “Sustentabilidade”, tema central da agenda contemporânea nas próximas décadas, é componente essencial da MARCA do Rio, gerando renda, empregos e sendo decisiva para nosso futuro. O Rio não é, como cidade alguma do mundo, “sustentável”. Os grandes processos transformadores que determinarão o futuro da humanidade nesse século ainda estão em andamento complexo por todo o planeta. Mas, se dentro de 20 anos, o mundo verificar uma Baía da Guanabara ainda em estado de terrível poluição, em um contexto onde as Baías de todas as grandes cidades estarão despoluídas ou em processo para chegar lá, a sociedade carioca e fluminense será merecidamente vista como desprezando esses valores. Crítica substantiva à parte, a MARCA do Rio de Janeiro será erodida de forma lamentável em pouquíssimo tempo, com grandes prejuízos na geração de renda e empregos.

Por outro lado, conseguirmos colocar a Baía em processo efetivo de despoluição, como a revitalização do Porto do Rio tem demonstrado, elevaria enormemente o valor do patrimônio privado e público em todo o seu redor, assim como abriria novas possibilidades para o reordenamento da ocupação da região metropolitana. Saneamento e despoluição da Baía da Guanabara estão unidos e, muito mais do que uma questão ambiental, são um vetor estratégico decisivo para o desenvolvimento econômico e social da região metropolitana do Rio de Janeiro.